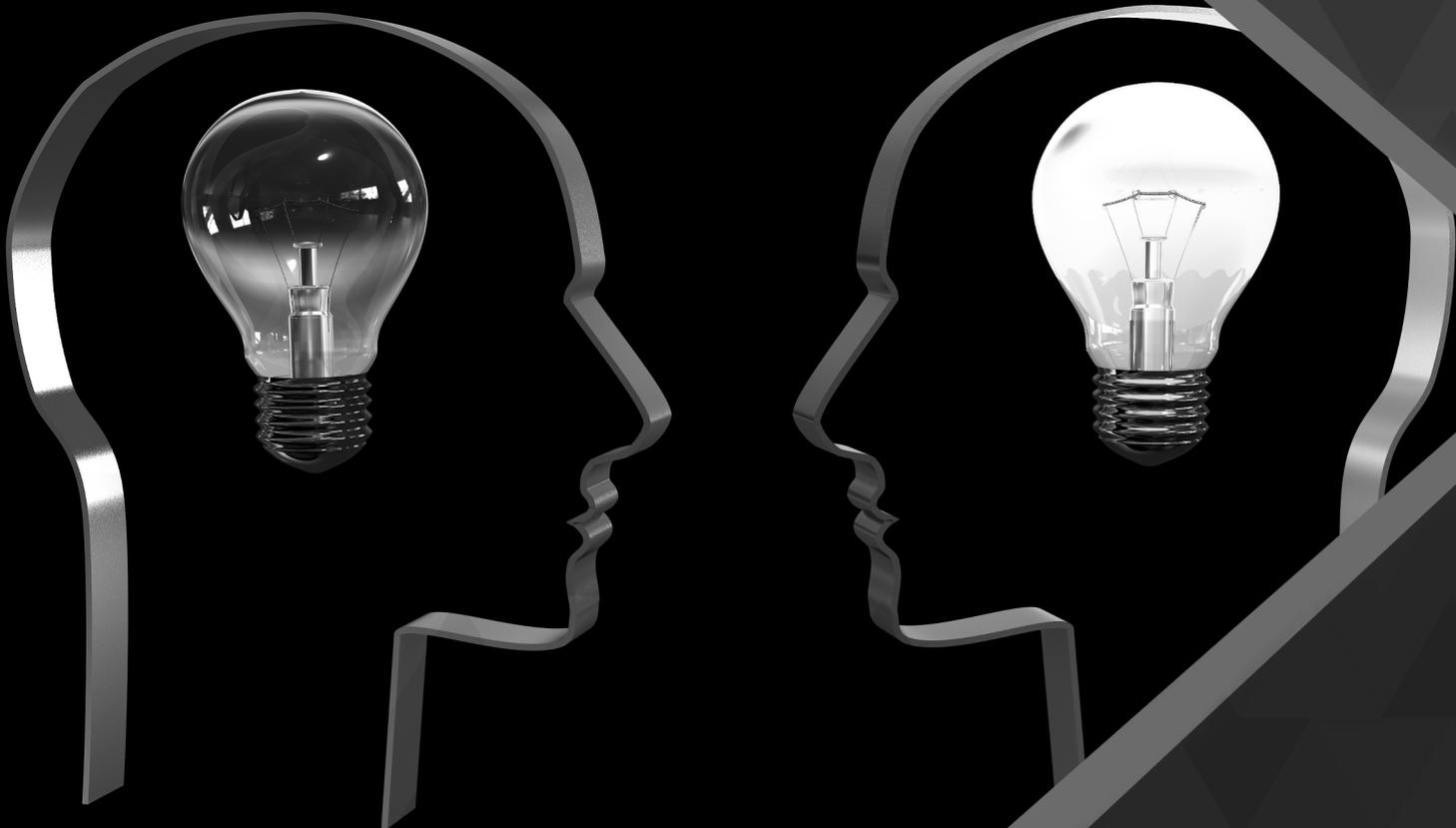


Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

D611 Discussões interdisciplinares no campo das ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-85-7247-914-1  
 DOI 10.22533/at.ed.141201301

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 300

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Discussões Interdisciplinares no Campo das Ciências Humanas, coletânea de vinte e dois capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Humanidades e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Numa mistura entre música, dança, folclore e nordeste brasileiro, DIÁLOGO CRIATIVO: TECNOLOGIA, ARTE E NARRATIVA POPULAR, de Amanda Lopes Galvão, apresenta considerações para pensarmos coreografias além da dança em si. Ainda na música, COMPOSIÇÃO, INTERPRETAÇÃO E IDENTIDADE NA “CHORATA NO. 1” DE CARLOS ALMADA: CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES SOBRE ORALIDADE E ESCRITO DO “CHORO”, de Celso Garcia de Araújo Ramalho, Paulo Henrique Loureiro de Sá, Bartolomeu Wiese Filho, Marcus de Araújo Ferrer, Henrique Leal Cazes e Marcello Gonçalves, aborda composição, interpretação, além da interface teoria e prática do choro.

A arte e suas múltiplas formas de materialização ainda está presente em A POESIA COMO RECURSO IMAGÉTICO PARA COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA NA CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “PEQUENAS DANÇAS PARA NÃO ESQUECER”, de Victor Hugo Neves de Oliveira, Camila Aparecida M. Belarmino, Miguel Eugenio Barbosa Segundo e Taciana Assis Bezerra Negri, e em A ARTE RUPESTRE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA ESCRITA E SUA RELAÇÃO COM A PAISAGEM, de Samanta de França Serrano, quando, no primeiro, é verificável os diálogos possíveis entre poesia, música e coreografia, e, no segundo, a arte rupestre, formas de marcação do homem para o tempo e a história, possibilita a interpretação e conhecimento do momento pré-histórico vivido. CAVALEIROS NO NOVO MUNDO: OS JESUÍTAS E A CONQUISTA DA AMÉRICA PORTUGUESA, de Marcus Baccega, resgata as contribuições de Inácio de Loyola para aferição da herança medieval a partir da colonização do espaço americano que teve significativa participação dos jesuítas.

Ensino, produção científica e políticas públicas encontram amparo em AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL, de Maria Priscila da Costa da Silva, Maria do Socorro de Sousa, Railane Bento Vieira Saboia, Andréa Pereira Rocha e Francisco Ricardo Miranda Pinto, REFLEXÕES SOBRE O STATUS DA LÍNGUA INGLESA NO ATUAL CONTEXTO GLOBAL E NO BRASIL, de Sylvia Cristina de Azevedo Vitti, CONCEITO DE CIDADE SAUDÁVEL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA, de Rochelle de Arruda Moura, José Airton Nascimento Diógenes Baquit e Karla Patrícia Martins Ferreira, PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO NO BRASIL (ÚLTIMOS ANOS), de Isabel Mayara Gomes Fernandes Brasil e Maria Eleni Henrique da Silva, POLÍTICAS PÚBLICAS AFIRMATIVAS E O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL, de Simone Rezende da Silva, Tathianni Cristini da

Silva e Erika Megumy Tsukada, e O DESAFIO DA GESTÃO DAS POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS: SOB QUAIS DIRETRIZES?, de Jussete Rosane Trapp Wittkowski e Stela Maria Meneghel.

Projetos de extensão e ações que envolvem a comunidade universitária como um todo são pontos de partida para contribuições como PROJETO DEZ: SOCIEDADE BENEFICENTE E DE AÇÃO SOCIOEDUCATIVO - SOBASE, de Cleonaldo Pereira Cidade, Charlene Ferreira dos Santos e Zenilda Rosa de Oliveira, O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DO SUJEITO DO CAMPO ALUZ DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF ODIL PONTES EM TOMÉ-AÇU/PA, de Ana Marcia Gonzaga Rocha e Rosileide de Jesus de Souza Melo, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO DE EXTENSÃO FÍSIOALEGRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ICESP-DF, de Mauro Trevisan, José Geraldo C. Trindade, Milene Pereira dos Santos e Rudimila Santos Silveira, e DESAFIOS DA ACESSIBILIDADE NA GESTÃO E SERVIÇO EM ESTABELECIMENTOS ALIMENTÍCIOS LOCALIZADOS NO ENTORNO DA UFRPE-RECIFE, de Ana Karla de Melo Silva, Lais Celeste Vasconcelos, Ana Regina Bezerra Ribeiro, Maria Iraê de Souza Corrêa e Edenilze Teles Romeiro.

A inserção do sujeito mediante práticas de acesso junto a grupos minoritários é o foco em ESTUDO DE CASO SOBRE A INSERÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NO MERCADO DE TRABALHO POR AGÊNCIAS DE RECURSOS HUMANOS EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, de Erika Tamires Silva Ribeiro, Gabrielle Helbusto Horle Bongiovanni, Márcia Bianca Germiniani, Maria Jennifer Santos Vargas, Maximilian Espuny e Fernanda de Oliveira Silva, enquanto que em DIREITOS HUMANOS VERSUS CRIMINALIZAÇÃO DO USUÁRIO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS, de Emilie Collin Silva Kluwen e Eveline de Sousa Landim, e VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: EFICÁCIA DA LEI MARIA DA PENHA, de Criziene Melo Vinhal, expõem as relações humanas e os diálogos permeados com as ciências jurídicas.

Por fim, mas não menos importante, temos ITINERÁRIO BIOGRÁFICO E CARREIRAS DOS PRESIDENTES DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS ELITES ESTRATÉGICAS DO PODER ECONÔMICO, de Marcelo Gonçalves Marcelino e Gerson Laerte da Silva Vieira, que frisa a relação entre governança da principal e mais importante instituição financeira e econômica do país, o Banco Central do Brasil, como espaço marcado pela presença das elites nacionais na condução de suas ações.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DIÁLOGO CRIATIVO: TECNOLOGIA, ARTE E NARRATIVA POPULAR	
Amanda Lopes Galvão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
COMPOSIÇÃO, INTERPRETAÇÃO E IDENTIDADE NA “CHORATA NO. 1” DE CARLOS ALMADA: CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES SOBRE ORALIDADE E ESCRITA DO “CHORO”	
Celso Garcia de Araújo Ramalho	
Paulo Henrique Loureiro de Sá	
Bartolomeu Wiese Filho	
Marcus de Araújo Ferrer	
Henrique Leal Cazes	
Marcello Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A POESIA COMO RECURSO IMAGÉTICO PARA COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA NA CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO “PEQUENAS DANÇAS PARA NÃO ESQUECER”	
Victor Hugo Neves de Oliveira	
Camila Aparecida M. Belarmino	
Miguel Eugenio Barbosa Segundo	
Taciana Assis Bezerra Negri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A ARTE RUPESTRE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA ESCRITA E SUA RELAÇÃO COM A PAISAGEM	
Samanta de França Serrano	
Deusdedith Rocha Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>57</b>
CAVALEIROS NO NOVO MUNDO OS JESUÍTAS E A CONQUISTA DA AMÉRICA PORTUGUESA	
Marcus Baccega	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>71</b>
AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Maria Priscila da Costa da Silva	
Maria do Socorro de Sousa	
Railane Bento Vieira Saboia	
Andréa Pereira Rocha	
Francisco Ricardo Miranda Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013016</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>83</b>
REFLEXÕES SOBRE O STATUS DA LÍNGUA INGLESA NO ATUAL CONTEXTO GLOBAL E NO BRASIL	
Sylvia Cristina de Azevedo Vitti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>101</b>
CONCEITO DE CIDADE SAUDÁVEL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Rochelle de Arruda Moura	
José Airton Nascimento Diógenes Baquit	
Karla Patrícia Martins Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>108</b>
PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO NO BRASIL (ÚLTIMOS ANOS)	
Isabel Mayara Gomes Fernandes Brasil	
Maria Eleni Henrique da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1412013019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>121</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS AFIRMATIVAS E O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL	
Simone Rezende da Silva	
Tathianni Cristini da Silva	
Erika Megummy Tsukada	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14120130110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>132</b>
O DESAFIO DA GESTÃO DAS POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS: SOB QUAIS DIRETRIZES?	
Jussete Rosane Trapp Wittkowski	
Stela Maria Meneghel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14120130111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>140</b>
PROJETO DEZ: SOCIEDADE BENEFICENTE E DE AÇÃO SOCIOEDUCATIVO - SOBASE	
Cleonaldo Pereira Cidade	
Charlene Ferreira dos Santos	
Zenilda Rosa de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14120130112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DO SUJEITO DO CAMPO A LUZ DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF ODIL PONTES EM TOMÉ-AÇU/PA	
Ana Marcia Gonzaga Rocha	

Rosileide de Jesus de Souza Melo

**DOI 10.22533/at.ed.14120130113**

**CAPÍTULO 14 ..... 159**

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO DE EXTENSÃO FISIOALEGRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ICESP-DF

Mauro Trevisan

José Geraldo C. Trindade

Milene Pereira dos Santos

Rudimila Santos Silveira

**DOI 10.22533/at.ed.14120130114**

**CAPÍTULO 15 ..... 173**

DESAFIOS DA ACESSIBILIDADE NA GESTÃO E SERVIÇO EM ESTABELECIMENTOS ALIMENTÍCIOS LOCALIZADOS NO ENTORNO DA UFRPE-RECIFE

Ana Karla de Melo Silva

Lais Celeste Vasconcelos

Ana Regina Bezerra Ribeiro

Maria Iraê de Souza Corrêa

Edenilze Teles Romeiro

**DOI 10.22533/at.ed.14120130115**

**CAPÍTULO 16 ..... 184**

ESTUDO DE CASO SOBRE A INSERÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NO MERCADO DE TRABALHO POR AGÊNCIAS DE RECURSOS HUMANOS EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Erika Tamires Silva Ribeiro

Gabrielle Helbusto Horle Bongiovanni

Márcia Bianca Germiniani

Maria Jennifer Santos Vargas

Maximilian Espuny

Fernanda de Oliveira Silva

**DOI 10.22533/at.ed.14120130116**

**CAPÍTULO 17 ..... 197**

DIREITOS HUMANOS VERSUS CRIMINALIZAÇÃO DO USUÁRIO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Emilie Collin Silva Kluwen

Eveline de Sousa Landim

**DOI 10.22533/at.ed.14120130117**

**CAPÍTULO 18 ..... 203**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: EFICÁCIA DA LEI MARIA DA PENHA

Criziene Melo Vinhal

**DOI 10.22533/at.ed.14120130118**

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>218</b>
ITINERÁRIO BIOGRÁFICO E CARREIRAS DOS PRESIDENTES DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS ELITES ESTRATÉGICAS DO PODER ECONÔMICO	
Marcelo Gonçalves Marcelino Gerson Laerte da Silva Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14120130129</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>236</b>
INTERDISCIPLINARIDADE FONOAUDIOLOGIA E EDUCAÇÃO PONTO DE PARTIDA PARA O TRABALHO COLABORATIVO	
Marília Piazzzi Seno Simone Aparecida Capellini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14120130120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>245</b>
ESPAÇOS EDUCATIVOS UMA RELAÇÃO ENTRE ARQUITETURA E EDUCAÇÃO	
Eduardo Trovó Palmieri Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14120130121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>257</b>
<i>MITOPOIESIS</i> : RELAÇÃO ENTRE DIREITO, FILOSOFIA, RELIGIÃO E ARTES	
Paola Cantarini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.14120130122</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>269</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>270</b>

## CAVALEIROS NO NOVO MUNDO OS JESUÍTAS E A CONQUISTA DA AMÉRICA PORTUGUESA

Data de aceite: 20/12/2019

**Marcus Baccega**

DEHIS/PPGHIS-UFMA

São Luís do Maranhão

**RESUMO:** Este breve ensaio pretende rediscutir, a partir de uma (re)leitura historiográfica dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola (1548), a herança medieval do *Continente Brasil* e os índices históricos de sua feudalização. Pretende-se evidenciar, para tanto, como a Companhia de Jesus teceu uma autorrepresentação enquanto *Militia Christi* (a “Igreja militante” dos “soldados de Cristo”, que se comprometem com o voto de obediência pessoal ao Papa sob o lema *perinde ac cadaver*). Desta maneira, a Companhia de Jesus considerou-se vocacionada a uma cruzada de expansão da fé católica e seu projeto civilizatório, impulsionado pelas monarquias ibéricas. Com tal aporte, é intuito deste breve texto ensejar o debate sobre a conquista e colonização das regiões meridionais do Continente Americano enquanto uma segunda, e mais sofisticada, expansão feudal, momento fundante da construção de uma economia-mundo capitalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Militia Christi*; Jesuítas; Conquista da América.

### KNIGHTS IN THE NEW WORLD THE JESUITS AND THE CONQUEST OF PORTUGUESE AMERICA

**ABSTRACT:** This brief paper aims at rediscussing, by means of a new historiographic reading of the *Spiritual Practices* by Saint Ignace of Loyola (1548), the mediaeval heritage pertaining to *Brazil Continent* and the historical shews of its feudalization. We intend to evince, therefore, how the Order of the Jesuits has woven its self-representation as *Militia Christi* (the idea of the “militant Church” made up by the “soldiers of Christ”, who have impawned to obeying the Pope due to a specific vow and to acting out under the watchword *perinde ac cadaver*). Thereafter, the Order of the Jesuits has considered itself called to perform a Crusade to expand Catholic faith and its closely related civilization project, put forward by the Iberian monarchs. Thereby, it is our purpose in this text to stir up the debate about the conquest and colonization of Southern regions of the American Continent as a second and more sophisticated feudal expansion and simultaneously the founding moment of the setting up of the Capitalist World Economy.

**KEYWORDS:** *Militia Christi*; Jesuits; Conquest of America.

## 1 | INTRODUÇÃO

### *A feudoclericalização de Abya Yala*

Dentre os povos originários do Continente Americano, os *kunas*, habitantes de territórios hoje abrangidos pelos Estados panamenho e colombiano, conceberam uma expressão pela qual se referiam à grande porção de terra que os comunicava a outras tantas etnias ameríndias: *Abya Yala* (“terra em plena maturidade”). O dia 12 de outubro de 1492, oito meses após a expulsão dos mouros da *taifa* de Granada, assinala, na memória canônica do Ocidente, o momento em que os europeus aportaram em *Abya Yala*. O navegador e cosmógrafo genovês (talvez catalão) Cristóvão Colombo, em nome da Coroa de Castela, proclamou e fez encenar o ritual de tomada de posse de *Hispaniola* (Ilha de São Domingos), a partir das normas do *Requerimiento* castelhano e em consonância com as designações contidas na Bula *Inter Coetera* (04 de maio de 1493) e do subsequente Tratado de Tordesilhas (07 de junho de 1494).

Neste momento, *Abya Yala* torna-se uma imensa terra de Conquista, de penetração, dominação, colonização e transculturação. Em uma palavra, converte-se em *América*. Nestes termos – e com esse termo – insere-se, de maneira periférica e subordinada, na formação de uma grande economia-mundo (Immanuel Wallerstein) de proporções antes impensadas, resultante do processo histórico relativo a uma segunda expansão feudal, consagrada, na Historiografia, sob o nome de *Grandes Navegações*, de que advieram os celebrados *Descobrimientos*.

Neste contexto, uma vasta plaga meridional de *Abya Yala*, a *Pindorama* (“terra das palmeiras”), foi destinatária de projeções edênicas, há muito realizadas pela cartografia medieval sobre ilhas como a Islândia, a Sicília, as Ilhas Baleares, a Madeira, os Açores, Cabo Verde. *Pindorama*, designação genérica em tupi, passa por um violento processo de Conquista e colonização, recebendo, primeiramente, o nome de Ilha de Vera Cruz, depois Terra ou Província de Santa Cruz. Tal nome resultou, como evidenciou o historiador mexicano Luís Weckmann, em *La herencia medieval del Brasil* (1993), de uma artimanha do Rei Dom Manuel, o Venturoso (1495-1521), em missiva endereçada a seus sogros, os Reis Católicos Fernando e Isabel de Espanha, para ocultar a dimensão das terras recém-descobertas, assim procurando afastar o potencial interesse espanhol pela região.

No entanto, os colonos portugueses nunca abandonaram o hábito de referir-se à nova terra da Conquista sob o genérico epíteto de “Continente Brasil”, valendo-se do termo céltico gaélico *Brazil*, cujo significado é “Ilha Afortunada”. Nome certamente propício para a “ilha” onde, finalmente, se havia encontrado o Paraíso Terrestre, tão detalhadamente caracterizado no Capítulo 2 do Livro de *Genesis*. É nosso intuito,

neste breve texto, problematizar o relevante aspecto de *feudoclericalização*<sup>1</sup> da conquista portuguesa na América, o que implica, evidentemente, uma reinterpretação do papel dos jesuítas neste processo de ocidentalização forçada de Pindorama.

A esta releitura da conquista portuguesa da América, corresponde a argumentação do historiador mexicano Luís Weckmann, que explicita a transposição feudal (*transplante feudal*) implicada na colonização ibérica no Novo Mundo (WECKMANN, 1993).

## 2 | SANTO INÁCIO DE LOYOLA: ASCETA, CRUZADO E PREGADOR DE GENTES

Em uma crônica do século IX, intitulada *Navigatio Sancti Brandani*, narrativa que apresenta a navegação de São Brandão, monge beneditino gaélico do século VI, em busca da localização concreta do Jardim do Éden, identificado – mas vedado ao ingresso de Brandão e os doze monges que o acompanhavam – em uma ilha próxima a Avalon (a ilha dos mortos da mitologia celta), que recebeu tal alcunha (WECKMANN, 1993). Como observamos em outra ocasião:

A locução Companhia de Jesus, longe de aludir às empresas de capital integralizado que surgiram no início do século XVII (Companhia das Índias Orientais em 1602 ou a Companhia das Índias Ocidentais em 1621), traz a ideia de um batalhão, de tropa. Com fulcro na concepção de uma Igreja Militante, a Ordem dos Jesuítas concebeu a si própria, de início, como unidade militar, rígida e hierarquicamente organizada a partir de uma estrita disciplina e observância aos comandos dos superiores e das autoridades da Igreja. Não é por outra razão que, uma vez reconhecida e chancelada a nova Ordem – sucessora quinhentista das ordens mendicantes do século XIII, franciscanos e dominicanos – os jesuítas passaram a jurar, além dos votos tradicionais de pobreza, obediência e castidade, um quarto voto, de fidelidade e obediência irrestrita à pessoa do Papa (BACCEGA, 2015: 120).

Para compreender a estreita ligação de Inácio de Loyola e os ideais e práticas da cavalaria medieval, deve-se retroceder ao início de sua vida. Nasceu no castelo de Loyola, próximo à cidade de Azpeitia (província de Guipúzcoa), no País Basco sob o domínio da Coroa de Castela e Aragão, irmão mais novo de treze filhos do castelão D. Beltrán Lopez y Oñaz de Loyola e Dona Marina Saénz, em 31 de maio de 1491. Sua educação fundamentou-se na preparação guerreira tradicional ao *ordo* nobiliárquico, à velha aristocracia feudal de espada, tendo servido de pajem a um senhor feudal aparentado desde 1506. Tratava-se de Juan Velásquez de Cuéllar, *contador mayor* da Rainha Isabel de Castela e, depois, do Rei Fernando de Aragão, o Católico. Inácio se tornaria, em breve, escudeiro (*armiger*) e espécie de secretário palaciano do *contador mayor*.

1 Termo cunhado pelo medievalista brasileiro Hilário Franco Júnior, em alusão especular ao neologismo *feudoburguesia*, de autoria de José Luís Romero, medievalista argentino, em *La revolución burguesa en el mundo feudal* (1979). A expressão aparece em sua Tese de Doutorado, publicada e intitulada *Monges, Guerreiros e Camponeses: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela Medieval* (FRANCO JR, 1989).

Com a morte de Velásquez em 1517, Inácio é sagrado cavaleiro (cerimônia do adubamento) e adentra o serviço militar da Coroa de Castela, sob as ordens de D. Antônio Marique de Lara, o Duque de Nájera. Foi na condição, portanto, de cavaleiro de Castela que Inácio de Loyola seria gravemente contundido, por uma bala de canhão, durante o cerco franco-navarro à cidade de Pamplona, em 20 de maio de 1521. O contexto era uma guerra movida pelo rei francês Francisco I (1515-1547) contra o monarca Habsburgo Carlos I (1516- 1556), que se tornou Imperador Romano-Germânico em 1519. O cerco a Pamplona ocorreu durante as campanhas francesas denominadas “Guerras Italianas”, especificamente aquela que se desenrola entre 1521 e 1526.

Tal conflagração se deu em virtude da anexação do reino de Navarra, em 1516, pela Coroa de Castela, passando a ser governado por vice-reis castelhanos. Por consequência de suas vinculações feudovassálicas à Coroa francesa, Francisco I intenta restaurar a autonomia de Navarra, na condição de “Estado” vassalo dos Valois. O conflito instaurou-se em 12 de maio de 1521, quando uma coalizão franco-navarra de cerca de 13 mil homens rebela-se contra o futuro Imperador Carlos V, sob o comando de André de Foix, senhor de Hasparren.

Gravemente ferido após o cerco de 20 de maio de 1521 sobre Pamplona, Inácio de Loyola recupera-se no castelo de sua linhagem. Na ausência de seu gênero de leitura predileto, as novelas de cavalaria centro e tardo-medievais, o cavaleiro – cultor do *ethos* palaciano e do jogo retórico-pedagógico do amor cortês – convalesce com a leitura dos *Legenda Aurea* (c. 1270), coletânea de hagiografias (*vitae*) compilada pelo dominicano Jacopo de Varazze e com a *Vita Christi*, de Ludolfo da Saxônia, ambos traduzidos para o castelhano.

É nesta ocasião que, paulatinamente, o cavaleiro e fidalgo cortesão inicia seu percurso místico e espiritual, inspirado no *exemplum* de São Francisco de Assis (1182-1226), rumo à figura de um asceta. Com efeito, Santo Inácio dirige-se à Catalunha, depõe sua armadura e adereços bélicos aos pés de uma imagem da Virgem Maria, à entrada de um monastério beneditino em Montserrat, em 1522. Decide, então, vestir um hábito simples e viver como anacoreta nas imediações da vila de Manresa, às margens do rio Cardoner.

O cotidiano de meditações, em meio aos bosques da localidade (a exemplo dos eremitas medievais), levou-o a uma prática cada vez mais sistemática de exercícios místicos, desenvolvidos, experimentados e sempre adaptados entre os anos de 1522 e 1548. O jovem soldado convertido à prática ascética chegou mesmo a peregrinar para Jerusalém, entre os anos de 1523 e 1524, ocasião em que esperava autorização – denegada – para permanecer em um convento franciscano na Cidade Santa.

Retornando à recém-unificada Espanha, decide estudar Gramática em Barcelona, no outono de 1524, tendo, a seguir, ingressado na Universidade de Alcalá,

centro de difusão humanística no território castelhano. A instituição havia sido há pouco fundada, em 1499. Suas principais leituras seriam, nesta ocasião, a *Física* de Aristóteles, as *Sentenças* de Pedro Lombardo e tratados de lógica dialética. Inácio trava, então, contato com uma obra fundamental para a definição da forma como constituiria e ordenaria a Companhia de Jesus, após sua aprovação oficial, por parte do Papa Paulo III, em 1540. Trata-se do *Enchiridion*, ou *Manual do Soldado Cristão* (1525), do célebre humanista holandês Erasmo de Roterdã (1466- 1536), no qual se fundamentou Inácio de Loyola para resgatar o *ethos* rigorista e se reapropriar da mística das ordens militares monásticas surgidas na Idade Média Central (séculos XI a XIII).

Durante sua estadia em Barcelona e mesmo depois, em Alcalá, Inácio cultivou o modo de vida mendicante, sempre vestindo o velho hábito de peregrino, inspirado no ideal de pobreza radical e *Imitatio Christi* propugnado por Francisco de Assis. Os alimentos que conseguia receber eram, à noite, partilhados com mendigos, em refeições comuns. Também a exemplo de dominicanos e franciscanos, pregava nas ruas de Alcalá, para pessoas que, vestidas com hábitos similares, reuniam-se para ouvir suas prédicas.

Tal conduta ascética logo despertou, junto às autoridades inquisitoriais, suspeitas de que o jovem estudante pertencesse ao movimento herético dos *alumbrados*. Especialmente difundida em Castela, esta heterodoxia cristã preconizava o desenvolvimento e purificação espiritual e a comunhão com o sagrado a partir da iluminação interior, o que prescindia perfeitamente da mediação clerical. As suspeitas da Inquisição de Toledo sobre Inácio e seus amigos implicou uma detenção de 42 dias, até que se exarasse um veredito.

Apesar de inocentados, Inácio e seus pares foram proibidos de pregar em público, especificamente em matéria religiosa, até que completassem mais quatro anos de estudos, além de admoestados a vestir-se como os demais estudantes. O historiador estadunidense John W. O'Malley, também padre e teólogo jesuíta, elucida que os primeiros jesuítas precisaram debater-se, em considerável esforço retórico, para convencer as autoridades eclesiais de que não eram alumbrados, luteranos ou erasmianos (O'MALLEY, 1993: 23).

Todavia, contando com o conselho e auxílio do arcebispo de Toledo, Alfonso Fonseca y Acebedo, Inácio transfere-se para a Universidade de Salamanca, a mais antiga da Espanha (fundação datada de 1218), muito influenciada pelo programa de estudos da Universidade de Paris. A conclusão dos estudos de Inácio se daria nesta última, ocasião em que sete amigos prestaram os votos de pobreza, obediência e castidade na Catedral de Montmartre, em 1534, sobrevivendo sua ordenação oficial em 1537.

Conquanto não fosse um alumbrado e, menos ainda, um luterano ou adepto

de qualquer Igreja protestante, a mística inaciana, cujas práticas configurariam os Exercícios Espirituais, era herdeira direta da *devotio moderna*. Este vasto apelo evangélico para se retornar ao Cristianismo primitivo, à pobreza e partilha radicais das primeiras comunidades cristãs (descritas no segundo capítulo dos *Atos dos Apóstolos*), insere-se no quadro mais amplo do ideal de *Imitatio Christi* proveniente da Reforma Pontifical, que se procurou efetivar na Idade Média Central. Por conseguinte, tal movimento, inicialmente laico, criticava o fausto antievangélico da Igreja institucional, a decrepitude moral do clero, a simonia e o comércio de indulgências, cada vez mais monetarizados desde o século XIII.

Ademais, a *devotio moderna* guarda relações íntimas com o movimento beguinal dos séculos XIII e XIV, em relação ao qual se pode afirmar que consistiu, em última instância, em uma derivação clericalizada. Sua referência teológica fundamental centra-se na pessoa do místico holandês Geert Groote (1340-1384) e é associada, de forma mais ou menos precisa, ao mosteiro de Windesheim.

A prática mais concreta da autêntica piedade evangélica e da contrição, da pobreza ascética, da vida comum e sem propriedade privada teve seu ponto de partida em um albergue instalado por Groote, em 1374, nas proximidades de Deventer, para mulheres pobres que desejassem servir a Deus. Sem dúvida, a inspiração maior adveio dos beguinários que se estabeleceram na região de Flandres, Países Baixos, Renânia e nordeste da França, articulados em torno do Rio Reno, ao longo dos séculos XIII e XIV (BACCEGA, 2015: 126-128)

A mística inaciana difere radicalmente da *via antiqua (vita contemplativa)* cultivada pelas ordens monásticas tradicionais e mesmo pelos frades mendicantes surgidos no século XIII. Os *Exercícios Espirituais*, oficialmente aprovados em 31 de julho 1548, pela bula *Pastoralis Officii*, do Papa Paulo III, são bastante tributários da nova mística internalizada, centrada e focada nas práticas ascéticas de cada crente, que configurou a *via moderna (devotio moderna)*.

Leandro Karnal (UNICAMP) sintetiza as quatro reflexões espirituais que fundamentam a busca de ordem nos *Exercícios Espirituais*: *deformata reformare* (corrigir o que foi deformado por efeito do pecado); *reformata conformare* (adequar as virtudes ao modelo divino, inspirado pelo bom espírito); *conformata confirmare* (reforçar as virtudes e moções espirituais que estejam de acordo com Deus) e, principalmente, *confirmata transformare* (transformar a vida integralmente, adequando-a ao Evangelho, através das práticas meditativas) (KARNAL, 1998:49) .

Com efeito, levando a *devotio moderna* – inclusive em seu processo de clericalização – a um nível exponencial, os *Exercícios Espirituais* consignam uma trajetória de internalização ou subjetivação pedagógico-disciplinar da *fides simplex* herdada do ideário de Reforma Pontifical centro e tardo-medieval. Sua mistagogia visa a um auditório estrito – a formação disciplinar e missionária dos padres da

Companhia de Jesus – e a um auditório amplo, o conjunto dos cristãos, o que remete, certamente, ao imperativo tridentino de resgatar a unidade da Cristandade Latina.

Há, nos *Exercícios Espirituais*, um itinerário místico, que o próprio Inácio de Loyola assim divide: na primeira semana, medita-se acerca dos pecados, universais e pessoais; na segunda semana, deve-se concentrar na vida de Cristo, desde sua concepção imaculada até o Domingo de Ramos; na terceira semana, a meditação enfoca a Paixão de Cristo; na quarta semana, conclui-se a jornada mística com a meditação acerca da Ressurreição e Ascensão do Senhor (BACCEGA, 2015: 131).

### 3 | A ORDEM DOS JESUÍTAS COMO CAVALARIA DE “MONGES-GUERREIROS”

Este processo secular de internalização da fé pode ser interpretado, à maneira de Michel Foucault, como uma *técnica de si*, ou seja, um mecanismo de introspecção de uma normativa místico-guerreira que funda um *ethos* (uma relação de si a si). Essa internalização da devoção, das práticas espirituais e, em última instância, da *unio mystica* com Deus, vale afirmar, de constituição da profundidade hermenêutica deste sujeito cristão que, à maneira de Santo Agostinho (Livro XI, 26, de *A Cidade de Deus*), diz de si a si: *fallor, ergo sum* (peço/erro/falho, logo existo).

As noções internalizadas de pecado, culpa, contrição e redenção individuais forjam e dimensionam a densidade ontológica deste Homem cristão logo na transição do Mundo Clássico para a Primeira Idade Média. A tônica do que se convencionou denominar, em alusão especular, mas invertida, à dúvida metódica cartesiana, *cogito agostiniano* define o estatuto ontológico do Homem como negatividade em busca de redenção. Não por outra razão, Inácio de Loyola assevera aos diretores e retirantes (proponentes e praticantes, respectivamente, dos exercícios meditativos):

Por estas palavras *exercícios espirituais*, entende-se toda a maneira de examinar sua consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocalmente ou mentalmente, e toda outra atividade espiritual, como se dirá mais à frente. Da mesma forma, com efeito, que a caminhada, a marcha e a corrida são exercícios físicos, chama-se exercícios espirituais toda a maneira de preparar e dispor a alma, para afastar de si todos os apegos desordenados [e], depois, quando se os descartou, procurar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida, para o bem de sua alma (tradução nossa) (LOYOLA, 1960: 13- 14).<sup>2</sup>

Michel Foucault, em aulas iniciadas a partir de 1978, no Collège de France, como *Segurança, Território e População* (1978) e *Do Governo dos Vivos* (1979/1980), dedica-se a interpretar e inventariar a prática ou tecnologia de subjetivação consagrada pelo

<sup>2</sup> Par ces mots d'exercices spirituels, on entend toute manière d'examiner sa conscience, de méditer, de contempler, de prier vocalement ou mentalement, et toute autre activité spirituelle, comme on le dira plus loin. De même, en effet, que la promenade, la marche et la course sont des exercices physiques, de même on appelle exercices spirituels toute manière de préparer et disposer l'âme, pour écarter de soi tous les attachements désordonnés, puis, quand on les a écartés, chercher et trouver la volonté divine dans la disposition de sa vie, pour le bien de son âme.

exame de consciência cristão em contextos monásticos. Tal exercício de inspeção e verificação de si é prévio à confissão auricular, tornada condição necessária para a comunhão no IV Concílio de Latrão (1215). Fez-se, então, compulsória, ao menos uma vez ao ano, como *exagoreusis*, uma interpretação de si voltada à externalização confessional do pecado, da culpa e da permanente necessidade de redenção. Consentânea e paralela à *exagoreusis*, surge a necessidade da *examologesis*, ou seja, a expressão pública de concordância e adesão ao credo cristão, às doutrinas canônicas e à *auctoritas* do magistério da Igreja, por meio do ato de fé.

Em vista das considerações precedentes, pode-se compreender melhor a mística retórico-disciplinar que, por meio dos *Exercícios Espirituais*, forjou o ideal inaciano de Igreja Militante, uma cavalaria efetivamente cristã, uma confraria de “monges guerreiros da palavra”. Tal afirmação se permite melhor entender quando vislumbramos a Companhia de Jesus como resultado de um triunfo fundamental. A vitória clerical em uma *disputatio* retórica plurissecular entre o *ethos* cavaleiresco cristão, preconizado pela Reforma Pontifical, desde o século XI, em seu projeto político-ideológico de instaurar uma Teocracia Pontifícia sobre toda a Cristandade Latina, e o *ethos* cavaleiresco laico, propugnado pela Reação Folclórica da aristocracia laica e expresso no amor cortês, como a concebe Jacques Le Goff em *Cultura Eclesiástica e Cultura Folclórica na Idade Média: São Marcelo de Paris e o Dragão*, de 1970.

Em seu tratado *De laude novae militiae* (c. 1130 d.C.), o Abade Bernardo de Claraval (c.1090-1153, cisterciense e ideólogo orgânico (Antonio Gramsci) da Segunda Cruzada, arquiteta a formação de um *ethos* novo para a pequena nobreza de cavaleiros, consistindo, em síntese, na renúncia radical ao *ethos* cortesão, enquanto renúncia ao século. O cavaleiro cristão (*Miles Christi*) não mais deve partir em demanda por aventuras que redundassem em fama, prestígio ou reconhecimento de suas habilidades e façanhas de armas (*prouesse*) e cultivar o jogo palaciano do amor cortês, atentatório da disciplina clerical para o sacramento do Matrimônio, mas simbolicamente intensificador dos laços feudovassálicos.

Ao contrário, a aventura deveria converter-se, à imagem de uma *conversio morum* beneditina, em peregrinação por Cristo e exaltação de sua glória, em direto detrimento da fama do cavaleiro. O êxito na demanda não mais seria marcado pelas riquezas e fama, mas pela vitória do próprio Cristo – e da *Esposa do Cordeiro*, seu *Corpus Mysticum* que é a Igreja – sobre os infiéis. Não estariam, por certo, isentos da sanha purificadora deste corpo militar da Reforma Pontifical os hereges, no seio do próprio Cristianismo. Havia também outro grande adversário político, menos evidente a um olhar incauto, o outro Universalismo Cristológico oponente da Reforma Pontifical, vale asseverar, o Sacro Império Romano.

A cavalaria cristã (*Militia Christi*) é idealizada, no projeto de Teocracia Papal,

como o lugar social da prática do amor de Deus. Enquanto expressão da Cidade de Deus na Terra, a Igreja Cristã tem, na cavalaria, sua expressão militar – *militante* – de expansão universal e retórico-catequética pelas armas (BACCEGA, 2015: 139-140). Com efeito, a sociabilidade desta parentela espiritual que é a cavalaria, em sua vertente mundana, desenrola-se com o ritual do amor cortês. Este *fin' amor* precipita o enamorado em uma desventura amorosa, em tudo antagônica ao Amor de Deus. O vínculo amoroso mundano conduz o herói à prática de proezas e a jurar ilimitada obediência às ordens de sua dama idealizada

Se considerado o referencial teológico, esta solidariedade orgânica (*affectio societatis*) do ordo nobiliárquico contrata com o *Amor Dei ad contemptum suum*. Para Agostinho, tal é o amor próprio da Cidade de Deus, tendo por corolário a prédica do Livro X, 22, das *Confissões: beata vita est gaudere de Te, ad Te, propter Te* (“a vida feliz é fruir de Ti, em direção a Ti e por causa de Ti”, referindo-se a Deus).

Por conseguinte, esta verdadeira engenharia retórico-disciplinar de conversão da Ordem em Igreja Militante e da Igreja Militante em verdadeira cavalaria, ao menos em seu *ethos* e suas formas de autorrepresentação, encontra sua confirmação na segunda *Adição* de Inácio de Loyola aos exercícios da primeira semana de meditação. Para exemplificar como o praticante se deve colocar em confusão proposital em virtude de seus vários pecados, Inácio emprega o exemplo do cavaleiro perante seu rei.

Na primeira série de exercícios, é necessário desejar e buscar o sentimento de desolação, forma pela qual a alma fiel pode efetivamente experimentar as consequências do pecado, do divórcio de Deus, da noite obscura da alma. Neste momento, o cavaleiro será o *exemplum* de penitência, mas nas seguintes condições: “(...) por exemplo, um cavaleiro que se encontre diante de seu rei e toda a sua corte, repleto de vergonha e confusão por ter ofendido muito aquele de quem antes recebeu muitos dons e favores” (tradução nossa) (LOYOLA, 1960: 56).

O cavaleiro, portanto, peca ao romper o contrato feudal com seu rei, ao ofendê-lo, tendo dele recebido tantos “dons e favores”, vale afirmar, *feudos* ou *benefícios*, direitos sobre senhorios, rotas de passagem (peagem) ou funções públicas como tributar, exercer o *munus* militar ou administrar a aplicação do direito. Assim, o cavaleiro ideal é aquele que já se encontra curializado e se mantém inexoravelmente fiel a seu suserano e ao *signalagma* feudal.

Este trecho do escrito de Santo Inácio sinaliza uma particularização do auditório retórico: da integralidade dos cristãos para o *ordo* nobiliárquico e sua conformação político-ideológica. Devemos verificar, agora, o “chamado do rei temporal”, “auxílio a contemplar a vida do Rei Eterno” (LOYOLA, 1960: 65).

O diretor espiritual deve convidar o praticante a imaginar – conceber por meio da imago – “um rei humano escolhido pela mão de Deus, nosso Senhor, ao

qual prestam respeito e obediência todos os chefes cristãos e todos os homens” (LOYOLA, 1960: 65). A meditação deve aqui focar as palavras que tal rei temporal endereça a “todos os seus” (seu *consilium* de vassalos):

Minha vontade é de conquistar todo o território dos infiéis. Para tanto, aquele que querará vir comigo deverá se contentar com a mesma alimentação que eu, com a mesma bebida, com a mesma vestimenta, etc. Deverá também penar comigo durante o dia e velar à noite, etc., para tomar parte, a seguir, na vitória, como terá tomado em minha pena (tradução nossa) (LOYOLA, 1960: 66).

Não é difícil vislumbrar, nesta contemplação, o ideal de Cruzada, como peregrinação armada aos *loca sancta*, os lugares sagrados, eles próprios transformados em grandes relicários e objetos devocionais. Por conseguinte, este “rei tão generoso e tão humano” é um instrumento, “escolhido pela mão de Deus”, para conquistar os territórios sacros sob domínio de infiéis. Justamente porque a demanda maior é do Rei Eterno, o praticante dos exercícios espirituais deve considerar “como devem responder” os súditos e “quanto aquele que não aceitasse a solicitação de um tal rei mereceria ser censurado por todo o mundo e ser tido por cavaleiro covarde” (tradução nossa) (LOYOLA, 1960: 66).<sup>3</sup>

Desta maneira, coragem, honra, bravura e feitos em armas são, exatamente nos termos de São Bernardo de Claraval, transformados em dons da cavalaria para a glória de Cristo e Sua vitória sobre os infiéis, os antípodas ideológicos da Cristandade. Mas não é simplesmente uma confirmação das Cruzadas, da Igreja militante da Reforma Pontifical (dita “Gregoriana”), ou uma mera conformação fortalecida da *Militia Christi* – da qual participam o rei e todos os seus vassalos – que se insinua e insufla com o conteúdo retórico elíptico dos *Exercícios Espirituais* (BACCEGA, 2015: 145-148).

Analisemos a projeção da cena espiritual do “chamado do rei temporal” para o plano em que a meditação deve, efetivamente, produzir efeitos, o “chamado do Rei Eterno”:

No primeiro ponto, se é preciso prestar atenção a um tal chamado endereçado pelo rei temporal a seus súditos, quanto mais é [que deve ser com] uma coisa que merece mais atenção ainda, que é ver o Cristo, nosso Senhor, Rei eterno, e perante ele todo o universo que ele chama, ao mesmo tempo que cada um em particular, dizendo: “Minha vontade é de conquistar todo o mundo e todos os inimigos, e de entrar, assim, na glória de meu Pai. Para tanto, aquele que querará vir comigo deve penar comigo, a fim de que, seguindo-me no sofrimento, siga-me também na glória” (LOYOLA, 1960: 66-67) (tradução nossa).<sup>4</sup>

3 (...) *combien celui qui n’accepterait pas la requête d’un tel roi mériterait d’être blâmé par tout le monde et tenu pour lâche chevalier.*

4 *Dans le premier point, s’il faut prêter attention à un tel appel adressé par le roi temporel à ses sujets, combien est-ce une chose qui mérite plus d’attention encore que de voir le Christ notre Seigneur, Roi éternel, et devant lui tout l’univers qu’il appelle, en même temps que chacun en particulier, en disant: “Ma volonté est de conquérir le monde entier et tous les ennemis, et d’entrer ainsi dans la gloire de mon Père. Pour cela, celui qui voudra venir avec moi doit peiner avec moi, afin que, me suivant dans la souffrance, il me suive aussi dans la gloire”.*

#### 4 | MISSÃO, CONQUISTA, CONVERSÃO: HÁ MAIS MUNDO PARA FEUDALIZAR

Se pudermos perceber na Expansão Ultramarina que se dá nos séculos XV e XVI indícios – diríamos evidências – de que se tratou, em boa medida, de uma Segunda Expansão Feudal e poderemos assumir o fato de que o mundo atlântico do final do século XV e dos séculos XVI a XVII testemunhou um instigante fenômeno de dupla temporalidade ou paralelismo de ritmos de historicidade distintos.

A Europa setentrional, protestante, sobretudo calvinista, inserida em maior profundidade no processo de acumulação primitiva de capital que a Historiografia consagrou sob o nome de *mercantilismo* ou *capitalismo mercantil*, forja sua inserção colonial na América boreal por meio da fundação de uma sociedade puritana moderna, cultora do *ethos* reformado da Nova Jerusalém sobre a Terra (*A City upon a Hill*).

A Europa meridional, com suas monarquias católicas de pretensão cristológica universalista, em especial Portugal e Castela (reino de origem feudal que hegemoniza o concerto entre as regiões hispânicas), insere-se nesta aventura de ultramar com um protagonismo que trai outro ritmo, outra historicidade, outra temporalidade. É disto que tratam autores como o já mencionado historiador mexicano Luís Weckmann e o ninguém menos que o grande nome da mais jovem geração da Escola dos *Annales*, o medievalista Jérôme Baschet, discutindo o que o primeiro estudou enquanto “transposição feudal” e o último consignou, em sua recente obra de fôlego, *A civilização feudal – do ano mil à colonização da América* (2004), como “um feudalismo tardio e dependente, que finca os pés na América (BASCHET, 2006: 274-295).

Impende assinalar que, ao proporem à sensibilidade analíticas dos historiadores e demais cientistas sociais um debate sobre as heranças medievais no Continente Brasil e nas Índias de Castela, tais historiadores não esposam a tese de uma “Longa Idade Média” (Jacques Le Goff), muito menos denegam a presença de atividades “capitalistas” (no sentido de uma acumulação primitiva de capital mercantil, como Marx ensina no Capítulo XXIV do Livro I de *O Capital*).

Estas atividades, por óbvio, lidam com capitais, seja a produção urbana dos *mesteres* e artesanias das cidades medievais (*burgos*, que se elevam em quantidade e se expandem geograficamente a partir do Ano Mil), seja a destinação dos excedentes agrícolas dos senhorios ou terras concedidas em sesmaria (caso de Portugal, a partir da Lei de Sesmarias de 1375, de Fernando I) ao comércio. Este último, com a expansão militar-territorial efetuada pelas Cruzadas, em direção à porção oriental do Mar Mediterrâneo, para conquistar a Terra Santa aos turcos seldjúcidas, ou nas guerras da Reconquista hispânica, rearticulou, progressiva e intensamente, as rotas comerciais eurásianas de longa distância, atingindo regiões indianas e mesmo chinesas (tratos de especiarias, seda e porcelana).

Seria ingênuo imaginar que, deste movimento de peregrinação armada que foram as incursões dos cruzados, implicando um movimento, em miniatura, de toda a formação social feudal em direção aos *loca sancta*, não adviriam consequências mercantis, portanto “capitalistas”, vale dizer, circulação de capital mercantil em larga escala. Da mesma forma, seria exótico não perceber o ideal escatológico de um universalismo cristão na colonização portuguesa na América, resultado da expansão do Reino de Portugal para além dos limites do Continente Europeu com a conquista cruzadista da cidade árabe de Ceuta, no norte da África, em 1415, sob o cetro de D. João I de Avis, “de Boa Memória”.

Não nos parece ser mero acaso que os cronistas-mores da Torre do Tombo Fernão Lopes entre (1418 e 1454) e seu sucessor Gomes Eanes de Zurrara tenham-se referido ao período que se iniciava com a ascensão de D. João de Avis ao trono português, com a chamada Revolução de Avis (1383-1385), daí em diante se testemunhando os primórdios das Grandes Navegações, como *Sétima Idade do Mundo* (*Crônica de Dom João I*, sendo a primeira e segunda partes, de lavra de Fernão Lopes, datadas de 1411 e a terceira, que narra a Tomada de Ceuta, compilada por Gomes Eanes de Zurrara).

A *Sétima Idade do Mundo* é um *topos* retórico na Escatologia cristã desde os escritos de Santo Agostinho. Aparece em três escritos do Padre Latino, um propositivo de uma interpretação do *Livro de Genesis* que combatesse, retoricamente, a filosofia maniqueísta (*De Genese contra Manichaeos*, 389), outro enfrentando uma destacada liderança maniqueia (*Contra Faustum Manichaeum*, 387) e um último apresentando a lição canônica e niceno-constantinopolitana sobre a Santíssima Trindade (*De Trinitate*, 422). Trata-se do período da *Historia Universalis* correspondente ao Milênio em que Cristo, vindo à Terra pela segunda vez (*Parusia*), governaria um reino de farturas e bem-aventuranças com os justos, como vaticinado no Capítulo 20 do *Livro do Apocalipse*.

Assim, sendo, quais móveis ideológicos ou interesses econômicos subjacentes à Expansão Ultramarina dos séculos XV e XVI, afinal, já não se faziam presentes e bem caracterizados na Primeira Expansão Feudal, aquela que se segue ao milenarismo da Revolução Feudal iniciada na transição para o século XI?

## 5 | CONCLUSÃO

Procuramos, em breves linhas, apresentar nossa hipótese de interpretação dos primeiros do processo de Conquista e colonização de *Abya Yala* pelas monarquias ibéricas, em específico de *Pindorama* pela Coroa Portuguesa, como corolário de uma Segunda Expansão Feudal, que torna maior – e realmente mundial – a construção da economia-mundo centrada no Ocidente, principiada com a Revolução Feudal do

Ano Mil.

Se tal leitura historiográfica – fundamentalmente instituinte, contraintuitiva e anticanônica – puder merecer acolhida, então não será despropositado reconhecer, no plano das representações ideológicas, o papel destacada da Ordem dos Jesuítas no processo de feudoclericalização de *Abya Yala*, enquanto verdadeira cavalaria cristã, doutrinada e disciplinada sob um *habitus* militar, apta ao combate – também cruzadista e expansionista – que se faz então premente para o projeto político-civilizatório da Coroa de Portugal no Continente Brasil.

Trata-se, em última análise, de constituir uma tessitura simbólico-ideológica cuja capilaridade atingisse o *totum* da sociedade colonial, sobretudo por meio da conversão das populações originárias de *Pindorama*. O intuito derradeiro? Tornar Portugal e o *Orbis Lusitanus* de ultramar dignos da consumação do mandato escatológico de Cristo ao Rei Afonso Henriques, por ocasião do Milagre de Ourique (1139): forjar um Reino e uma gente que levasse a fé católica a todo o mundo conhecido e por desvendar.

## REFERÊNCIAS

### *Corpus Documental*

**Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem.** Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

SAINT IGNACE DE LOYOLA. **Exercices Spirituels.** Paris: Desclée de Brouwer, 1960.

### *Fontes Secundárias*

BACCEGA, Marcus. “Apotese da Cavalaria Cristã: Inácio de Loyola e a Retórica Medieval”. In: MAGALHÃES, Ana Paula Tavares (Org.). **Linguagem e produção do discurso na História: fontes, modelos e problemas da Cristandade Latina (séculos V-XVI).** São Paulo: Humanitas, 2015.

BARTHÉLEMY, Dominique. **La chevalerie. De la Germanie Antique à la France du XIIème siècle.** Paris: Fayard, 2007.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América.** São Paulo Editora Globo, 2006.

DUBY, Georges. **Le Chevalier, la femme et le prêtre.** Paris: Hachette Littératures, 1981.

\_\_\_\_\_. **Idade Média, Idade dos Homens. Do amor e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

FLORI, Jean. **La chevalerie.** Paris: Hachette, 2013.

FOUCAULT, Michel. “A Filosofia Analítica da Política”. In: Idem. **Ditos e Escritos**, v. IV. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2003.

KARNAL, Leandro. **Teatro da Fé. Representação Religiosa no Brasil e no México do século XVI.** São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

LACOUTURE, Jean. **Jésuites. Une multibiographie.** 1. Les conquérants. Paris: Éditions du Seuil, 1991.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa.** São Paulo: Cultrix, 2013.

MONGELLI, Márcia. “Retórica: a virtuosa elegância do bem dizer”. In: **Trivium e Quadrivium. As artes liberais na Idade Média.** Cotia: Editora Íbis, 1995.

O’MALLEY, John W. **The first jesuits.** Harvard: Harvard University Press, 1993.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de Gêneros. Novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage.** São Paulo: Edusp, 2001.

PERELMAN, Chaïm. **L’empire rhétorique. Rhétorique et argumentation.** Paris: Librairie Philosophique Vrin, 2002.

POST, Reinier R. **The modern devotion. Confrontation with Reformation and Humanism.** Nijmegen: DBNL, 2008.

SCHMÖLZER, Hilde. “Beginen”. In HOLL, Adolf (Hgb). **Die Ketzer.** Wien: Marix Verlag, 2007.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos** - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: [orcid.org/0000-0002-5472-8879](https://orcid.org/0000-0002-5472-8879). E-mail: <[awsvasconcelos@gmail.com](mailto:awsvasconcelos@gmail.com)>.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 24, 112, 119, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 191, 194, 255

Arte 1, 3, 8, 26, 27, 28, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 54, 56, 109, 110, 111, 116, 118, 131, 136, 140, 150, 214, 243, 257, 264

Arte rupestre 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 54, 56

Avaliação 71, 106, 136, 137, 138, 139, 150, 152, 156, 157, 160, 175, 180, 203, 204, 206, 215

### C

Cavaleiros 57, 64

Cidade 34, 35, 55, 59, 60, 63, 65, 68, 74, 94, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 113, 140, 147, 183, 185, 248, 263

Ciências 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 99, 101, 103, 111, 119, 120, 140, 159, 160, 171, 172, 197, 209, 217, 218, 230, 233, 236, 245, 252, 261, 264, 265, 267, 269

Ciências humanas 111, 171, 197, 217, 233

Composição 1, 3, 4, 5, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 123, 127

Criminalização 197, 198, 201

### D

Deficiências 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 194

Diálogo 1, 2, 6, 8, 11, 17, 26, 76, 114, 116, 170, 260

Direitos humanos 99, 112, 197, 200, 201, 202, 204, 208, 209, 212, 260, 263, 264, 269

### E

Eficácia 203, 206, 211

Elites 218, 219, 224, 225, 228, 234

Ensino fundamental 71, 74, 75, 82, 94, 112, 121, 124, 125, 134, 151, 238, 243

Escrita 9, 10, 12, 14, 15, 16, 20, 22, 23, 24, 25, 32, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 77, 79, 80, 92, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 251

### G

Gestão 41, 74, 75, 105, 112, 117, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 149, 159, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 189, 194, 195, 218, 220, 224, 228, 231, 234

### I

Identidade 9, 10, 22, 24, 25, 53, 55, 74, 99, 112, 115, 122, 134, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 168, 206, 210, 215, 269

Inserção 67, 95, 97, 124, 140, 141, 142, 159, 167, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 219, 222, 224, 228, 233, 255

Interpretação 9, 10, 11, 12, 13, 15, 20, 22, 24, 25, 31, 38, 39, 42, 52, 53, 64, 68, 73, 93, 103, 147, 164, 207, 213, 215

## **J**

Jesuítas 57, 59, 61, 63, 69, 147, 252

## **L**

Língua inglesa 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

Livro didático 73, 99, 121, 125, 126, 130

## **M**

Mulher 137, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217

## **N**

Narrativa 1, 2, 5, 7, 8, 59, 114, 135, 139, 204, 206, 213, 214, 217

Negro 121, 122, 123, 124, 127, 128, 130, 131

## **O**

Oralidade 8, 9

## **P**

Poder econômico 87, 218, 226

Poesia 1, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 247

Políticas públicas 103, 107, 112, 114, 117, 119, 121, 125, 128, 134, 138, 142, 143, 146, 198, 207, 209, 214, 215, 216, 218, 222, 225, 269

Produção 1, 4, 6, 9, 11, 12, 13, 23, 25, 26, 29, 39, 42, 46, 67, 69, 90, 101, 102, 103, 106, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 126, 132, 135, 136, 148, 151, 156, 158, 165, 207, 230, 249, 252, 259, 260, 264, 265, 266

Projeto de extensão 27, 34, 35, 159

## **R**

Representações sociais 159, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172

## **S**

Saúde 80, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 117, 125, 142, 159, 160, 161, 170, 172, 178, 187, 197, 202, 203, 204, 206, 208, 209, 212, 216, 217, 241, 243, 244, 252

Substâncias psicoativas 197, 198, 199, 200, 201, 202

Sujeito 8, 42, 63, 72, 74, 78, 80, 112, 114, 122, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 157, 162, 163, 165, 167, 263, 264, 266, 267

## **T**

Tecnologia 1, 24, 43, 63, 83, 89, 95, 96, 120, 173, 183, 245, 252

## **U**

Universidades públicas 132, 138, 139

## V

Violência doméstica 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217

